



CONSULTORIA COLABORATIVA NO AMBIENTE ESCOLAR



centro de pesquisa e desenvolvimento infantil



LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO
DOS DESVIOS DA APRENDIZAGEM

DEPARTAMENTO DE FONOLOGIA
UNESP - FFC - MARILIA / SP

Andréa Carla Machado
Suzelei Faria Bello
Simone Aparecida Capellini

© Copyright das autoras

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras.

Suzelei Faria Bello; Andréa Carla Machado; Simone Aparecida Capellini

Consultoria Colaborativa no Ambiente Escolar. São José do Rio Preto, 2021. 20p.

ISBN: 978-65-5869-269-0

1. Consultoria Colaborativa. 2. Educação Especial. 3. Escola Inclusiva.

Psicopedagoga

Linguista, Pedagoga e Psicopedagoga. Mestre e Doutora em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Estágio doutoral em Special Education pela University of Georgia, UGA, EUA. Pós-doutorado em Psicologia pela UFSCar. Pós-Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual Paulista, UNESP/Marília. Membro do Laboratório de Investigação dos Desvios de Aprendizagem – LIDA. Pesquisadora e Psicopedagoga Clínica do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Infantil-CPEDi. Consultora e supervisora na área de Educação Especial e Inclusiva.



Prof^a. Dra. Andréa Carla Machado
PEDAGOGA E PSICOPEDAGOGA

decamachado@gmail.com

Fonoaudióloga

Fonoaudióloga Educacional e Clínica, Mestre e Doutora em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Pós-doutorado em Ciência Tecnologia e Sociedade /UFSCar. Pesquisadora e Fonoaudióloga Clínica do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Infantil, CPEDi.



Prof^a. Dra. Suzelei Faria Bello
FONOAUDIÓLOGA

suzebello@gmail.com

Fonoaudióloga

Fonoaudióloga. Livre Docente em Linguagem Escrita – FFC/UNESP-Marília-SP. Docente do Departamento de Fonoaudiologia e dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Fonoaudiologia da Faculdade de Filosofia e Ciências - FFC/UNESP - Marília-SP. Membro do Collegio dei Docenti del Corso di Dottorato in Formazione, Patrimonio Culturale e Territori presso l'Università di Macerata, Macerata, Itália. Coordenadora do Laboratório de Investigação dos Desvios da Aprendizagem (LIDA) do Departamento de Fonoaudiologia – FFC/UNESP - Marília-SP. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Coordenadora do Departamento de Fonoaudiologia Educacional da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (SBFa), Gestões 2017-2019 e 2020-2022.



Simone Aparecida Capellini
FONOAUDIÓLOGA

sacap@uol.com.br



centro de pesquisa e desenvolvimento infantil



LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO
DOS DESVIOS DA APRENDIZAGEM

DEPARTAMENTO DE FONOAUDILOGIA
UNESP - FFC - MARÍLIA / SP

CONSULTORIA COLABORATIVA NO AMBIENTE ESCOLAR

Andréa Carla Machado
Suzelei Faria Bello
Simone Aparecida Capellini

A natureza da palavra “colaboração” traz intrínseco no termo definições como “trabalho comum com uma ou mais pessoas” “Ajuda, auxílio” “ ato ou efeito de colaborar” (Aurélio, 1988) o que implica em um envolvimento em processos com metas comuns entre os indivíduos, organizações ou instituições inspirando múltiplas tarefas que requerem estabelecer vínculos de confiança, partindo do princípio que cada envolvido se adapte no processo, partilhe, coopere e caminhem todos em direção de metas pré estabelecidas portanto por excelência um processo social e de interação que podem ser desencadeados por diferentes motivos e formas.

Para que o processo de colaboração ocorra de acordo com Mattessich e Monsey (1992) destacam-se seis categorias que podem influenciar as colaborações, veja o quadro 1:

FATORES QUE INFLUENCIAM A COLABORAÇÃO		
CATEGORIAS	DEFINIÇÃO	DEFINIÇÃO EM SUBCATEGORIAS
Ambientais	Relacionados aos ambientes geográficos e contextos sociais que desenvolve a colaboração	<ul style="list-style-type: none">• A história de colaboração existente entre um grupo: compreendendo o papel e a expectativa de cada membro;• Clima político e social que favorece a colaboração• Confiança entre os membros para cumprir metas e objetivos
Colaboradores	Relacionados às habilidades, atitudes e opiniões dos membros que envolvem o grupo colaborativo	<ul style="list-style-type: none">• Respeito, compreensão e confiança: envolvendo suas diferenças culturais, sociais, limites e expectativas;• Divisão de trabalho justa entre os membros;• Habilidades de cada um respeitando uma opinião final coletiva

Estruturais e Processuais	Refere-se aos canais que o grupo utiliza para receber e divulgar suas informações	<ul style="list-style-type: none"> • Membros do grupo participam e compartilham responsabilidades; • Diversos níveis de participação; • Flexibilidade, grupo está aberto a novas ideias e propostas; • Desenvolvimento dos papéis com clareza e com diretrizes de trabalho; • Adaptabilidade, respeitar o ritmo, estrutura e recurso do grupo
Comunicações	Relacionados à gestão, tomada de decisão e sistema de trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Comunicações fluentes e abertas, com discussões de temas concernentes a temática estudadas
Finalidades/Propósitos	Motivos da colaboração, a imagem que busca o grupo, ou a integração por meio de tarefas específicas	<ul style="list-style-type: none"> • Visão compartilhada de objetivos e estratégias; • Estabelecimento de metas concretas

Quadro 1. Categorias que influenciam a colaboração (Adaptado de Bello, 2012)

Partindo da premissa de que para um trabalho colaborativo ser operacionalizado e praticado tais influências são prévias e devem ser dimensionadas. Dessa forma refletir sobre essas características e suas dimensões dentro da educação inclusiva recai sobre a prática pedagógica que deve reconhecer a ação de contextos institucionais representados por gestores, educadores, pais e todos os demais atores sociais que se firmam nesse campo de atuação. Isso posto ressignificar conceitos, recursos e propostas são características importantes que vislumbram uma atuação inclusiva.

O Modelo de Consultoria Colaborativa permite contextualizar e abordar de maneira mais eficaz um problema dentro da perspectiva de atenção ao público alvo da Educação Especial¹, haja vista que permite uma troca entre especialistas e educadores na tentativa de qualificar o trabalho pedagógico visando responder á diversidade dos alunos no processo educacional. No entanto algumas habilidades e componentes devem estar presentes durante o processo. (Bradley, 1994). Figura 1



Figura 1. Habilidades e componentes da consultoria
Autorias das autoras

Aspetos funcionais do Modelo de Consultoria Colaborativa

O modelo de Consultoria Colaborativa apresentou suas premissas na literatura advinda da América do Norte e a principal característica desse modelo é levar para os espaços escolares o trabalho de especialistas, denominado consultor (fonoaudiólogos, psicólogo, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, psicopedagogos) em cooperação com os educadores – consultado, essa interlocução se faz presente nesse modelo como tentativa de responder as dificuldades de aprendizagem e de comportamento dos alunos público alvo da educação especial. Várias pesquisas internacionais e nacionais trazem como temática o modelo de consultoria colaborativa vinculado ao contexto educacional. (Mendes, 2006; Friend; Cook, 1990; Idol, Nevin ; Whitcomb,., 2000; Kawpworth,.,2003)

¹ Público Alvo da Educação Especial – termo apresentado na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva definindo alunos com deficiências, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

Para que o modelo se torne efetivo autores como Kawpwirth (2003) sinalizam que para iniciar o processo deve haver etapas a serem seguidas sendo elas:



Definir e clarificar o problema



Avaliar a escolha



Analisar várias facetas do problema



Definir responsabilidades



Criar estratégias



Implementar a proposta de consultoria



Avaliar a efetividade das ações, se necessários modificá-las

Autoria das autoras

Após clarificar essas etapas, Kawpwirth (2003) defini orientações que podem ser utilizadas para auxiliar, colaborar e cooperar com consultado e consultor na operacionalização do modelo, a fim de tornar o processo orientado para atender a demanda de crianças em idades escolares com problemas de comportamento e de aprendizagem, veja o quadro 2

PASSOS COORDENADOS E SEQUENCIAIS	OBJETIVO DE CADA PASSO
<p align="center">Encaminhamento</p>	<p>Iniciar o processo com um tempo para discutir esse encaminhamento; fornecer ao professor uma ideia geral da abordagem; certificar-se de que existe a necessidade desse tipo de intervenção ou se a dificuldade pode ser resolvida por outros modelos ou propostas de trabalho.</p>
<p align="center">Discussão inicial com o professor</p>	<p>definir as necessidades primárias do aluno alvo, focalizar o início do processo contextualizando as possibilidades de intervenção e sucesso de algumas delas e que tipo e grau de intervenção o professor necessita.</p>
<p align="center">Observação da classe</p>	<p>possibilitar um suporte necessário para o processo de intervenção, então as observações pontuam a relação professor e aluno, aluno e os pares.</p> <p>Dinâmica com o professor assegurar-se de uma fala clara, tempo para ele falar do que gosta, diminuir seu nível de stress e ansiedade sobre a situação; rever o que ele tem feito frente ao problema; discutir o resultado das observações em classe e começar o desenvolvimento do processo de intervenção. Além de que o suporte para o estudante devem incluir intervenções baseadas no seu nível acadêmico ou comportamento social, assistência dos pares; serviços de tutoria ou outra forma acessível no processo.</p>
<p align="center">Discussão com os pais</p>	<p>o consultor munido de todas as informações até o momento deverá refletir em alguns pontos: o que diz o comportamento da criança; o que as pessoas estão tentando para ajudar; como o estudante responde as intervenções, o que o professor e os pais acreditam que deva ser melhor para a intervenção, quais as impressões do consultor sobre a situação e sobre a intervenção que tem sido efetuado pelo professor e pais, quais as barreiras no processo de intervenção, enfim são questões que devem ser analisadas para um processo adequado de consultoria</p>

<p>Avaliação e encaminhamento do estudante.</p>	<p>A avaliação deve ser realizada pelo consultor e então focar nos futuros encaminhamento da consultoria para desenvolver um plano com diretrizes e metas. Sugere-se que todos os dados sejam analisados e usados como diretrizes desde as áreas acadêmicas: leitura, matemática, expressão de escrita e as necessidades do comportamento social: ação, desempenho dessas habilidades e orientação pessoal.</p> <p>OBS: cabe ressaltar que no campo das especialidades nem todas as avaliações poderão ser realizadas no contexto educacional, isso deverá ser regido pelo conselho profissional de cada área.</p>
<p>Plano de intervenção</p>	<p>munido e todas as reflexões recomenda o enfoque colaborativo e junto com o consultado desenvolver um plano para intervenção. Colaboração é um modelo para determinar um plano e recomenda-se que seja pensado e apoiado por todos os que são envolvidos no processo. Para o processo deve-se:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Escolher as intervenções menos complexas e apoiar-se nas que já existem; • Criar uma nova habilidade para o consultado aprender deve ser a mais próxima possível da realidade, rotina, estrutura e da organização existente; • Propor intervenções que requerem menos tempo; <ul style="list-style-type: none"> • Estratégicas em longo prazo ajudam o consultado a aceitar recursos e desenvolver-se em suas organizações; • Ter foco na intervenção e se necessário promover mudanças possíveis. <ul style="list-style-type: none"> • Durante esse processo, analisar e contextualizar o desenvolvimento dentro de categorias: prevenção, comunicação, contingências, competência do treino (acadêmico, comportamento social)
<p>Implementando a intervenção</p>	<p>O consultado deverá saber que pode haver problemas nesta fase e que ele pode recorrer ao consultor como suporte para possíveis decisões e discutir o plano sempre que necessário, já o consultor deverá ser capaz de monitorar as fases e cooperar com o trabalho do consultado.</p>

<p>Monitoramento da intervenção</p>	<p>observar sua efetividade para verificar as soluções necessárias. Podem ocorrer modificações caso não atinja o desempenho necessário, ou seja, não teve impacto no comportamento; apresentou muita resistência, não corresponde as metas estabelecidas de aprendizagem, inabilidade para monitorar o plano. Importante rever com o consultado o trabalho e as possíveis soluções.</p>
<p>Avaliação e Fechamento</p>	<p>A avaliação deverá ser formativa e acumulativa, ou seja, baseada no esforço para determinar as metas da consultoria. Portanto o consultor e consultado devem concordar com o plano estabelecido e acreditarem no desempenho adequado de cada um. As metas da avaliação em andamento podem fornecer os dados para modificar o programa e determinar sua efetividade.</p>

Quadro 2. Passos sequências do modelo de consultoria

A inclusão é um processo complexo que configura diferentes dimensões: ideológica, sociocultural, política e econômica. Os determinantes relacionais comportam as interações, os sentimentos, significados, as necessidades e ações práticas; já os determinantes materiais e econômicos viabilizam a reestruturação da escola (BRASIL, 2001b).

Assim, um projeto pedagógico para diversidade se constitui em um grande desafio para o sistema educativo como um todo, que deve pensar a aprendizagem não apenas na dimensão individual, mas de forma coletiva. Essa é a função social da escola, manifesta nas formas de interação entre pessoas, escola, família e comunidade. Assim, as crenças, as intenções, as atitudes éticas, os desejos, as necessidades, as prioridades dos pequenos alunos público alvo da educação especial deverão ser discutidos pela comunidade escolar e inscritos no projeto pedagógico para a diversidade.

Torna-se importante pontuar que a educação inclusiva não se faz apenas por decreto ou diretrizes. Ela é construída na escola por todos, na confluência de várias lógicas e interesses sendo preciso saber articulá-los. Por ser uma construção coletiva, ela requer mobilização, discussão e ação organizacional de toda a comunidade escolar, e encaminhamentos necessários ao atendimento das necessidades específicas e educacionais de todas as crianças. Ela requer ainda uma ação complementar no contexto social por meio de trabalho conjunto com os serviços de apoio da educação especial, que também são responsáveis pela articulação e interface com os diferentes setores.

INVENTÁRIO DE CONHECIMENTO E HABILIDADES PARA CONSULTORIA

Nome: _____

Por favor, a prioridade do protocolo abaixo é que você concorde ou não com os seus conhecimentos e habilidades que diz respeito ao processo de consultoria. Marque um X na coluna escolhida para cada situação.

	1 Descordo fortemente	2 Descordo	3 Concordo as vezes	4 Concordo	5 Concordo fortemente
CONHECIMENTO BÁSICO					
1. Entendimento dos estágios e fases do processo de consultoria					
2. Entendimentos sobre as necessidades, possibilidades e abordagens nos ambientes					
3. Sou capaz de discutir as propostas da consultoria nos ambiente infantis e as regras do consultor e consultado					
4. Tenho familiaridade com as principais áreas de desenvolvimento infantil: a. Cognitiva b. Linguística c. Motora d. Sócio emocional e. Brincar					
5. Tenho familiaridade com os transtornos e prejuízos no desenvolvimento infantil					
6. Posso identificar indicadores qualitativos nos ambientes infantil, como escolas/creches e domicílio					
7. Entendo sobre intervenção precoce e os serviços prestados por esse tipo de programa					
MUDANÇA DE SISTEMAS					
8. Me esforço para entender a perspectiva teórica metodológica de programas de intervenção precoce					
9. Sou capaz de identificar efeitos positivos e negativos nos resultados frente a mudança de um programa					
10. Posso implementar estratégias individuais para empoderar ou para mudar programas, quando necessário?					
11. Sou capaz de modificar mitos e atitudes que impedem o sucesso de inclusão de crianças público alvo da educação especial					
12. Sou capaz de identificar e recrutar recursos juntos a agencias ou patrocinadores para auxiliar o programa de consultoria colaborativa para intervenção precoce					

	1 Descordo fortemente	2 Descordo	3 Concordo as vezes	4 Concordo	5 Concordo fortemente
HABILIDADE E CARACTERÍSTICAS PESSOAIS					
13. Respeito e dou abertura para as interações no processo de consultoria					
14. Posso estabelecer e manter uma boa relação com as pessoas envolvidas no processo de consultoria					
15. Mantenho entusiasmo e atitudes positivas frente ao processo de consultoria					
16. Demonstro fraquezas para aprender outros conceitos no processo de consultoria					
17. Sou criativo para avaliar problemas e novas opiniões					
18. Facilito o processo de consultoria demonstrando flexibilidade					
19. Respeito pontos divergentes, outras opiniões e aceito outras posições					
HABILIDADES DE COMUNICAÇÃO					
20. Minha comunicação oral e escrita é clara e efetiva					
21. Tenho habilidade para escutar e responder, parafrasear, e resumir					
22. Tenho habilidade para avaliar estados e significados que dificultam a comunicação					
23. Consigo extrair informações das pessoas envolvidas no processo de consultoria					
24. Tenho habilidade para examinar outros pontos de vista em situações problemas e considerar outros também além do meu					
25. Consigo manejar conflitos no processo de consultoria e manter relações colaborativas					
26. Me esforço para envolver os outros no processo de consultoria					
HABILIDADES DE COMUNICAÇÃO					
27. Identifico problemas e necessidades utilizando dados coletados					
28. Faço levantamento de ideias para avaliar possíveis soluções para um problema e considero objetivos					
29. Integro com facilidade metas e objetivos nos planos de ação incluídos no processo de consultoria					
30. Elejo informações para avaliar com efetividade as atividades e estratégias de um programa de intervenção					
31. Providencio informações na minha área com expertise quando necessário para facilitar e auxiliar outras áreas envolvidas no processo de consultoria					
32. Reconheço e respondo de forma apropriada as crenças de outros envolvidos no processo de consultoria					

	1 Descordo fortemente	2 Descordo	3 Concordo as vezes	4 Concordo	5 Concordo fortemente
MEU PRÓPRIO DESENVOLVIMENTO					
33. Identifico problemas e necessidades utilizando dados coletados					
34. Identifico problemas e necessidades utilizando dados coletados					
35. Identifico problemas e necessidades utilizando dados coletados					
36. Identifico problemas e necessidades utilizando dados coletados					
37. Identifico problemas e necessidades utilizando dados coletados					

INVENTÁRIO PARA CONTATO

Programa Consultor _____
Consultado _____
Sala/série _____
Data _____

Programa

Tipo de contato

- Site
- Telefone
- Observação
- Outros (especifique)

Duração (em horas e min.)

Preparação _____
Logística _____
Contato _____

Contato iniciado

- Consultor
- Consultado

Propósito do contato _____

Área Focada _____

Resumo das atividades e discussões _____

Decisões estabelecidas _____

Passos e ações do consultor _____

Passos e ações do consultado _____

Data da próxima consultoria ____/____/____

PONTOS FORTES, NECESSIDADES E RECURSOS PARA SALA DE AULA

Programa Consultor _____
Consultado _____
Sala/série _____
Data _____

Programa

Pontos Fortes (por exemplo, todos membros da equipe participam do desenvolvimento das atividades, escrita, atividades inclusivas, etc.)

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

Necessidades (equipamentos, férias, materiais pedagógicos, etc.)

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

Recursos (substituição de professor, adaptação no programa, voluntariado, etc.)

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

CHECKLIST DAS FASES DA CONSULTORIA

Programa Consultor _____
Consultado _____
Sala/série _____
Data _____

Programa

Data do início da consultoria
____/____/____

Data do final da consultoria
____/____/____

Checar as tarefas abaixo em cada fase. Marque um X em cada uma delas já realizada.

Fase 1: Início

- _____ contato inicial.
- _____ primeira visita.
- _____ discussão do processo de consultoria.
- _____ avaliação das necessidades, prioridades e conhecimento dos consultados.

Fase 2: Construção das Relações

- _____ construção e estabelecimento das relações
- _____ visita e observação na sala de aula
- _____ aprendizagem sobre programa e os consultados
- _____ discussão sobre o processo de consultoria

Fase 3: Levantamento de Informações

- _____ necessidades e especificidades dos consultados
- _____ decisão sobre desenho metodológico e outras informações
- _____ especificidades sobre as regras e responsabilidades dos envolvidos no processo de consultoria.
- _____ definição e formulação do problema

Fase 4: Objetivos

- _____ discussão sobre a avaliação dos resultados e possíveis causas dos dados.
- _____ resumo das prioridades levantadas pelos consultados relacionado aos resultados obtidos.
- _____ identificação do foco da consultoria
- _____ determinar qual conhecimento, habilidade e outros recursos são necessários para atingir os objetivos
- _____ determinar como ambas as partes acompanharão as metas alcançadas

Fase 5: Seleção de Estratégias

- _____ determinar qual estratégia deverá ser trabalhada
- _____ discussão de outras estratégias que poderão ser empregadas
- _____ seleção das estratégias que foram aceitas por ambas as partes
- _____ determinar qual conhecimento, habilidade e outros recursos são necessários para desenvolver as estratégias
- _____ identificar regras e responsabilidades para implementação das estratégias escolhidas

Fase 6: Implementação do Plano

- _____ reforço e suporte para o consultados para suas necessidades
- _____ determinar ajustes para o plano
- _____ avaliação da eficácia e da efetividade do plano

Fase 7: Avaliação do Plano

- _____ avaliação dos resultados
- _____ revisão da evolução do plano

Fase 8: Resumo do Processo de Consultoria

- _____ resumo das metas e acompanhamento
- _____ possíveis mudanças
- _____ preenchimento do formulário da consultoria para novos programas

REFERÊNCIAS

Bradley, D.F.(1994) A framework for the acquisition of collaborative consultation skills. *Journal of educational & psychological consultation*, 5 51-68

Bello S. F.; Machado, A. C. & Almeida, M. A.(2012) Parceria colaborativa entre, fonoaudiólogo e professor: análise dos diários reflexivos. *Rev. Psicopedag*, vol.29, n.88

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 214.

Mattessich, P. W., & Monsey, B. R. (1992). *Collaboration: what makes it work. A review of research literature on factors influencing successful collaboration*. Amherst H. Wilder Foundation, 919 Lafond, St. Paul, MN 55104..

Mendes, E. G, (2006) Colaboração entre ensino regular e especial o caminho do desenvolvimento pessoal para a inclusão IN: Manzini, E. J. Inclusão e acessibilidade, Marília ABPEE

Idol, I.; Nevin, A.; Whitcomb, P P.(2000) Collaborative Consultation. Austin: Pro-ed,2000.

Kawpworth, T. J. (2003) Collaborative consultation in the schools: effective practices for students with learning and behavior problems. New Jersey: Merril Prentice Hall, 2003.



centro de pesquisa e desenvolvimento infantil



LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO
DOS DESVIOS DA APRENDIZAGEM

DEPARTAMENTO DE FONOaudiologia
UNESP - FFC - MARILIA / SP